



<https://doi.org/10.51880/ho.v28i3.1529>



Expectativas criadas x expectativas “frustradas” nos reencontros com a História Oral

Anderson Arilson de Freitas*

ORCID iD 0000-0003-4337-9121

Universidade Federal da Grande Dourados, Programa de Pós-Graduação em História, Dourados, Brasil

Resumo: Este artigo analisa uma entrevista que persegue o ritmo inspirador dos trabalhos publicados no livro *Entrevistas imprevistas: surpresa e criatividade em história oral* (Hermeto; Santhiago, 2022). Trata-se de uma gravação com Aparício (pseudônimo), 94 anos, morador do distrito Pinhalito – município de Diamante do Sul (PR). A pesquisa objetiva perscrutar as memórias e narrativas de trabalhadores(as) rurais que realizavam os bailes de *puxirão* no Oeste do Paraná, entre as décadas de 1930 e 1980. Embora com temática lúdica e divertida, a entrevista apresentou episódios de silêncios, respostas curtas e objetivas, desvios do assunto, breves reflexões sobre o presente, evidenciando as contradições de uma complexa busca por um *experimento em igualdade* (Portelli, 1997b). A análise possibilita reflexões sobre a trajetória do colaborador, o que motivou seus silêncios, os aprendizados com a imprevisibilidade e as inconstâncias que motivaram os estranhamentos naquele momento de *entre-vistas*.

Palavras-chave: História Oral; memória; silêncio; *puxirão*; Paraná.

Expectations Created X Expectations “Frustrated” in Reunions with Oral History

Abstract: This article analyzes an interview that follows the inspirational rhythm of the works published in the book *Entrevistas Imprevistas: surpresa e criatividade em história oral* (Hermeto; Santhiago, 2022). It is a recording with Aparício (pseudonym), 94 years old, resident of the Pinhalito district – municipality of Diamante do Sul (PR). The research aims to examine the memories and narratives of rural workers who held dances a *puxirão* in Western Paraná, between the 1930s and 1980s. Although with a playful and fun theme, the interview presented episodes of silence, short and objective answers, deviations from the subject, brief reflections on the present, highlighting the contradictions of a complex search for an *experimento em igualdade* (Portelli, 1997b). The analysis allows reflections on the employee's trajectory, what motivated their silence, the lessons learned from unpredictability and the inconsistencies that motivated the strangeness at that moment of *inter-views*.

* Doutor em História pela Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), com orientação do Prof. Dr. Leandro Baller. Com Bolsa CAPES. Atualmente é docente da Graduação em História, na Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste) – Campus de Cascavel. E-mail: somfreitashistoria@gmail.com.

Keywords: Oral History; memory; silence; *puxirão*; Paraná.

O livro *Entrevistas Imprevistas: surpresa e criatividade em história oral*, organizado por Miriam Hermeto e Ricardo Santhiago (2022), que abre alas para inspirar a produção deste artigo, consiste na apresentação de estudos de caso com entrevistas consideradas “mal sucedidas”, mas que possibilitaram reflexões sobre o fazer da História Oral. A entrevista “*frustrada*” em minhas expectativas foi selecionada como um exercício de reflexão a partir da apresentação de seminários na disciplina “Tópicos Especiais em Memória, Narrativa e História Oral”, ministrada pelo Professor Doutor Robson Laverdi, no Programa de Pós-Graduação em História, Culturas e Identidades, da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). Trata-se de uma gravação em áudio e vídeo com Aparício (pseudônimo), 94 anos, morador do distrito de Pinhalito, no município de Diamante do Sul (PR), registrada durante o levantamento de fontes para a construção de uma tese de doutorado pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal da Grande Dourados (PPGH/UFGD). A pesquisa versa sobre as memória(s) e sonoridades dos bailes e festas de *puxirão* no Oeste do Paraná entre 1930 e 1980, com o objetivo de perscrutar as narrativas de trabalhadoras e trabalhadores rurais que realizavam trabalhos coletivos de roça em troca de bailes e festas na região dos atuais municípios de Três Barras do Paraná, Catanduvás e Diamante do Sul.

O critério de seleção do entrevistado foi a realização de um primeiro encontro com Aparício e sua esposa Bibiana (pseudônimo), em 2010, durante os trabalhos de campo para os projetos de História da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste) – Campus de Marechal Cândido Rondon, financiados pelo Programa de Extensão Universidade Sem Fronteiras, da Secretaria da Ciência e Tecnologia de Ensino Superior do Paraná (SETI/PR). Na ocasião, a entrevista foi realizada com o casal por meio de indicações dos professores, diretores e equipe pedagógica do Colégio Estadual Osório Duque Estrada, de Diamante do Sul, pela participação ativa que Bibiana e Aparício tiveram ao longo do tempo na comunidade Pinhalito. Ela como liderança voluntária na organização de casamentos, festas e cerimônias religiosas da Igreja Católica. Ele como domador de equinos, safrista – criador extensivo de suínos nas chamadas *safrá de porco* – e autoridade policial – inspetor de quartelão. Ambos foram organizadores e realizadores de trabalhos coletivos e bailes de *puxirão* em Pinhalito. O casal foi proprietário de um moinho de milho para quirera e fubá e um armazém de *secos e molhados* na mesma localidade.

Bibiana mencionou, na entrevista em 2010, sobre as festas que organizavam na comunidade Pinhalito, sem referências diretas sobre os bailes de *puxirão*. Durante a realização do anteprojeto de pesquisa, apresentado como critério de seleção no PPGH/UFGD, foi previsto um encontro com ela para a realização de uma nova entrevista.

Porém, Bibiana veio a falecer em 2021, em decorrência de complicações da covid-19, antes da possibilidade do reencontro que registra a fala de Aparício, retomando especificamente o tema puxirão.

Aparício nasceu em Palmas (PR), no dia 26 de maio de 1930. Ainda criança migrou com os pais para a região de Guarapuava (PR). Aos cinco anos de idade, seus pais vieram para a região de Guaraniaçu (PR) para abrir posses de terra. Foi tutelado por um fazendeiro de gado da região de Guarapuava, atuando como tropeiro desde os dez anos de idade. Aos vinte e cinco anos, encerrou suas atividades nas fazendas e migrou para Diamante do Sul, na época distrito de Guaraniaçu, para comprar terras da Companhia Colonizadora, passando a morar e constituir família no local. Casou-se com Bibiana e tiveram nove filhos, três mulheres e seis homens. Aparício não teve a oportunidade de estudar, mas foi alfabetizado por uma de suas filhas, professora. Atualmente é aposentado e mora com um dos filhos e a nora na mesma comunidade. Seu *hobby* é andar à cavalo sempre que possível e se divertir com os amigos em jogos de baralho no bar próximo de sua residência.

Reencontrar Aparício, homem sério, sisudo e de poucas palavras careceu da utilização de uma estratégia de abordagem, devido a sua personalidade sistemática. O contato foi feito através da professora Helena (pseudônimo), parente próxima, que iria acompanhar as entrevistas para minimizar possíveis estranhamentos durante o percurso. Porém, na ocasião, Helena estava em viagem, o que impossibilitou a sua presença. Diante do pouco tempo dedicado para o trabalho de campo, devido às distâncias até as residências dos entrevistados, custos e urgências das gravações, adiadas pelas recomendações de prevenção durante o isolamento pandêmico, tomei a decisão de procurar por Aparício confiando em suas lembranças do nosso primeiro encontro.

A expectativa criada no reencontro com Aparício foi romantizada por mim pelas memórias do nosso contato em 2010. Naquele momento, além da entrevista, o casal foi significativamente receptivo. Aparício fez *sapitada de pinhão* – alimento tostado com fogo na *grimpa*, que é feita de galhos e folhas secas do pinheiro/araucária – para nossa equipe de professores e bolsistas universitários e nos mostrou a sua propriedade e as criações: equinos, bovinos, suínos e galináceos. Bibiana, por sua vez, nos forneceu café, bolo de fubá, cujas cevadas de mate chimarrão, batatas-doces e chuchu da roça como presentes, nos abriu seus álbuns de fotografias e a caixa de monóculos, descortinando memórias da juventude.

Em 2022, ao procurar por Aparício, eis que no meio do caminho tinha um bar, tinha um jogo de cartas de baralho no meio do caminho. Chegando na comunidade Pinhalito pedindo referências do endereço de Aparício num estabelecimento comercial, um bar à beira de uma estrada rural, o proprietário informou que o mesmo estava presente no local jogando baralho com os amigos. Minha reação com a informação foi a de não interromper o momento de lazer de Aparício. Com a referência do endereço, segui a estrada rural até a residência para aguardá-lo em sua antiga casa, que passou a ser utilizada para guardar equipamentos, ferramentas e mantimentos agrícolas. Nessa

espera, a tarde foi chegando ao seu fim até que Aparício surgiu com seu veículo Gol Volkswagen bordô e me encontrou de prontidão.

Brevemente me apresentei. Ele interrompeu minha autoapresentação pedindo para que eu o aguardasse um instante e seguiu para o chiqueiro para dar de comer aos porcos antes do anoitecer. Após um bom tempo, o suficiente para alimentar em mim a tensão do momento, Aparício reaparece muito desconfortável e desconfiado com aquela abordagem. Após muitas referências que fiz sobre as pessoas entrevistadas, a explicação do projeto de pesquisa e reavivando memórias sobre o nosso primeiro encontro em 2010, perguntei sobre a possibilidade de fazermos a entrevista. Depois da afirmativa em voz firme e expressão rígida de Aparício, perguntei onde poderíamos nos sentar para a gravação. A resposta veio juntamente com os olhares do mesmo para o relógio, expressão facial de descontentamento e linguagem corporal introspectiva, manifestando gestualmente que a conversa deveria ser no mesmo lugar onde já estávamos. Diante da resposta, antes que pudesse haver nele arrependimento por aceitar conceder a entrevista, imediatamente posicionei a câmera filmadora e coloquei o aplicativo de gravação de áudio do *smartphone* em atividade. Estávamos ambos em pé, eu atrás da filmadora, ele escorado no capô do seu veículo com o aparelho de telefone celular ao seu lado, entre a casa/galpão e a estrada, por onde passaram vários veículos, quebrando qualquer ritmo intimista da conversa.

Essa situação desconfortável, principalmente para um senhor de 94 anos, foi a experiência selecionada, justamente por ser a que destoou das demais entrevistas, tanto em sua duração, apenas dezesseis minutos e alguns segundos – enquanto que com os(as) outros(as) entrevistados(as) as gravações variaram entre uma hora e duas horas e meia –, quanto pela sua complexidade na busca de um *experimento em igualdade*, parafraseando Alessandro Portelli: “Igualdade, entretanto, não pode ser desejada no fazer. Não depende da boa vontade do pesquisador mas de condições sociais” (Portelli, 1997a, p. 9).

Durante a entrevista com Aparício, na expectativa de que ele narrasse como os trabalhadores rurais organizavam e desenvolviam as roças e as festas de puxirão, em vários momentos as suas respostas silenciavam sobre o passado – com breves reflexões do tempo presente – em respostas curtas e diretas:

Anderson – [...] Senhor Aparício, pra nós começar, queria que o senhor fosse lembrando sobre os puxirão, como que fazia, como que era, ir contando pra nós...

Aparício – Ah! Puxirão a gente convidava os vizinhos, e um vizinho já ia convidando outro lá pra frente, se reunia uma porção de gente, de homem, e cortava ali roça pra um lá que não tinha, principalmente pra aqueles que não tinha, que o povo gostava de se reunir e cortar. Agora, hoje não! Hoje, nada disso tá acontecendo.

[...]

Anderson – Pra quanto de terra que fazia o puxirão, mais ou menos?

Aparício – Que foi feito?

Anderson – É!?

Aparício – Ah, era 10 alqueires. Nós cortamos tudo até às duas horas da tarde. E tinha tudo foiceiro bom. Trabalhava. Hoje, não! Hoje se o senhor sair aí pra ajustar um peão aí pra roçar um pedaço de estrada não acha! (Aparício, 2022).

Como havia realizado a entrevista com ele e Bibiana em 2010 e conhecia a trajetória de migrações, trabalhos e vivências de Aparício desde a infância até aquele momento, nessa nova entrevista as perguntas foram mais incisivas sobre as práticas do puxirão. Porém, as narrativas mencionaram apenas algumas informações pontuais, com momentos de intervalos e pausas, aguardando as próximas questões como se fosse um depoimento em um tribunal, desviando os assuntos para sua atuação como tropeiro, domador e safrista:

Anderson – E o senhor foi fazer puxirão aqui ou já fazia lá no Guarapuava?

Aparício – Ah, lá eu ia em puxirão, mas lá eu não... porque eu sou criado de fazendeiro. Eu não me criei com os meus pais. Entrei com 5 anos, saí com 25. Daí a minha gente moravam aqui, daí eu vim pra cá! Que era bom de mexer com porcada, e eu queria mexer. Que eu era domador de mula, viajava com tropa de gado. Eu só ia comigo mesmo. Olha os meus aperos aí, dentro do carro ali (Aparício, 2022).

Em cada pergunta que eu fazia, sentia a necessidade de complementar com palavras de efeito que pudesse motivar as falas, mesmo contrariando as metodologias de História Oral que recomendam evitar induzir as respostas dos(as) entrevistados(as) e o interrogatório de perguntas e respostas no formato pingue-pongue. Mas com o nervosismo, diante de uma entrevista que não estava fluindo, me vi extrapolando tais preceitos teóricos e metodológicos:

Anderson – E o que fazia depois que cortava a roça... [silêncio] plantava...

Aparício – Plantava. Eu saía, ia domar, pegava 15, 20 mulas, era de profissão domar (Aparício, 2022).

Mesmo extrapolando os aprendizados da História Oral na tentativa de estimular que Aparício contasse mais sobre o puxirão, as roças e os bailes, persistiam os silêncios sobre os assuntos que eu almejava conhecer e a constante valorização da sua vida de domador.

Em outro momento da entrevista, Aparício se coloca numa posição de fala não autorizada, indicando outras pessoas para que eu fizesse as gravações, ou confiando nas falas de um dos seus conhecidos, já entrevistado: “[...] Ainda tem gente velho aí, pra frente ali. Tudo meio parente do velho Dino [pseudônimo] lá. Que o velho Dino tem uma história mais do que eu pra contar, porque ele entrou adiante aí” (Aparício, 2022). Ou seja, além de pouco falar sobre o puxirão, Aparício desconsiderava sua narrativa como relevante, confiando a construção do passado nas memórias do amigo.

Na sequência, adentrei em assuntos que considereei como lúdicos, em perguntas com o objetivo de conhecer sobre as sonoridades dos bailes de puxirão, o que os participantes ouviam, quais os instrumentos, quem eram os músicos, repertório musical, ritmos, danças, brincadeiras e como os(as) trabalhadores(as) rurais se divertiam na interação social. Apesar do tema remeter ao caráter mais alegre e festivo, mesmo assim a entrevista seguiu o modelo de perguntas com respostas diretas e objetivas:

Anderson – E o senhor lembra se tinha música no baile?

Aparício – Tinha música.

Anderson – Quais os instrumentos que...?

Aparício – Ah, gaita, violão! (Aparício, 2022).

Em seguida, Aparício interfere na sequência da entrevista me fazendo uma pergunta, seguida da minha resposta direta, que possibilita refletir sobre a desconfiança do mesmo e na comprovação das informações da rede de contatos que apresentei inicialmente: “[...] Tem gaiteiro bom ainda, aquele, filho da Helena lá, é um bom gaiteiro aquele piá. Conhece ele, né?” (Aparício, 2022).

Minha resposta confirmando conhecer o jovem acordeonista foi imediata, primeiramente pelo questionamento inesperado e em seguida me apegando às recomendações de Alessandro Portelli quando teoriza sobre nos permitir assimilar as leituras que os entrevistados fazem de nós no processo da pesquisa:

Parecia que, enquanto eu o estava *estudando*, ele e as suas respostas, ele tinha permanecido estudando-me, e as minhas perguntas, e percebeu de que lado eu me encontrava. Isto me ensinou que há sempre dois temas para uma situação de campo, e que os papéis do *observado* e do *observador* são mais fluidos do que poderiam aparentar à primeira vista (Portelli, 1997a, p. 8).

Ou seja, assim como almejei uma narrativa sincera, da mesma forma, a contrapartida com a pergunta que ele me fez também procedeu com sinceridade, pois, nessa análise que fazemos das pessoas que entrevistamos e que as mesmas fazem de nós, pode haver pequenas armadilhas decisivas na continuidade ou não das *entre-vistas*.

A resposta afirmativa e honesta não foi suficiente para sensibilizar a abertura do diálogo, que voltou ao padrão inicial de dedicar pouca importância para o passado, a partir das contradições do presente:

Anderson – E o senhor lembra que músicas que tocavam nos bailes?

Aparício – Ah! Só música antiga, né! Música antiga só, agora nem tocam mais quase aquelas músicas.

Anderson – O senhor lembra de alguma assim que tocava bastante?

Aparício – Agora só tem aquele, de gaiteiro ali, que eu sei (Aparício, 2022).

No trecho a seguir, novamente as situações desconfortáveis são apresentadas com fugas do tema em falas curtas, vagas, rigidez nas expressões, e respostas com perguntas sobre a abordagem do assunto com o outro entrevistado:

Anderson – E as brincadeiras do baile, assim, o que o senhor lembra que tinha?

Aparício – Ah, inventavam alguma história assim, e passavam a noite entretidos.

Anderson – E faziam surpresa ou não?

Aparício – Faziam! Dava surpresa! Às vezes o cara tinha lá uma capoeira lá, se reunia ali uns 15, 20 foceiros, ia lá e cortava capoeira dele. O velho Dino lá não falou? (Aparício, 2022).

Em outro momento, Aparício, quando perguntado sobre as brincadeiras dos bailes, se expressa minimamente sobre os integrantes dos grupos que não gostavam de participar na socialização do lazer e da diversão:

Anderson – E o senhor lembra de mais alguma brincadeira que faziam assim, do povo? [silêncio] Da ratoeira...?

Aparício – Tinha tudo quanto era tipo, né! Às vezes tinha muita gente que não gostava, não frequentava, né! (Aparício, 2022).

A menção da *ratoeira*, uma modalidade de dança com declamações de versos de amor, amizade ou provocações satíricas pelos pares entre uma música e outra, consiste em uma das brincadeiras do baile. A referência dessa manifestação surgiu nas narrativas de outros(as) entrevistados(as). Mesmo correndo o risco de induzir a fala de Aparício, uma vez que seria muito mais interessante se ele lembrasse das danças sem essa interferência, no momento de nervosismo com a pausa silenciosa foi o que

me ocorreu dizer na tentativa de angariar sua confiança mostrando um pouco mais do que conheci do repertório de peculiaridades das práticas culturais de um contexto que eu não presenciei. Durante a leitura de *A arte da biografia: como escrever histórias de vida*, de Lira Neto, realizada durante a disciplina “Memória, Narrativa e História Oral”, compreendi o equívoco daquele momento: “Um erro comum durante uma entrevista é interromper os eventuais silêncios e hesitações do entrevistado. Por mais que isso pareça constrangedor, não se deve tentar preenchê-los de imediato” (Neto, 2022, p. 88). Hoje percebo como as pausas são importantes, tanto quanto as falas, e que deveriam ser respeitadas pacientemente por mim para a construção da narrativa que Aparício formulava em seus pensamentos.

Com a observação do entrevistado a respeito dos que não gostavam de brincar, ao perceber que a negação sobre as manifestações do passado estava diretamente associada com a insatisfação daquele momento de tensão para ambos, abordei alguns assuntos corriqueiros e interpretei que já era o momento de prosseguir com os encaminhamentos finais da gravação. Mas, como práxis ética e metodológica da História Oral, ainda era necessário registrar a autorização do áudio e das imagens do vídeo, que seriam utilizados para a transcrição a ser autorizada por escrito em outro momento. De todo o encontro, esse foi o momento mais complexo para me fazer compreender por um sistemático senhor com mais de noventa anos:

Anderson – [...] Se eu posso utilizar a entrevista?

Aparício – De que jeito que o senhor fala?

Anderson – Porque, essa entrevista, pra eu poder utilizar ela, eu tenho que ter autorização do senhor. Eu só posso utilizar essas informações que o senhor me passou se eu tiver autorização, né!? Então, se o senhor disser que eu tô autorizado, daí eu utilizo, se o senhor não me autorizar, aí eu não posso, né.

Aparício – *Eu entendo!*

Anderson – Eu tenho que ter o consentimento do senhor.

Aparício – Vê lá o que é que pode fazer, né. Já que o senhor tem, anda fazendo é porque o senhor tem autorização de gente acima, né!?

Anderson – É! Mas daí eu preciso, se o senhor me autoriza, né?

Aparício – *Eu entendo. Eu entendo!* A gente estando meio só fica tudo meio abatido, né! (Aparício, 2022).

Os trechos destacados “*eu entendo!*” pontuam a insegurança dele verbalizar essa

autorização – situação compreensível em um tempo em que os golpes, de modo geral, tem sido cada vez mais frequentes, com criminosos se utilizando das mais criativas estratégias na utilização de áudios, vídeos, ligações por telefone, mensagens de texto, furto de senhas de contas em instituições financeiras, calotes pelas redes sociais, falsidade ideológica com a inteligência artificial, entre outros. Após novas explicações e esclarecimentos, Aparício concede a autorização em imagem e som que possibilitou a sequência no trabalho, mesmo sem eu saber ao certo como lidar com tamanhas inconstâncias do discurso e desgaste emocional:

Anderson – Então eu posso utilizar a entrevista do senhor?

Aparício – Pode! (Aparício, 2022).

Com a entrevista dada por encerrada, mas com a filmadora ainda ligada, Aparício passa a retomar brevemente as memórias do tempo em que migrou para a região em que vive, seu casamento aos 25 anos, sua idade avançada, seu ofício como domador, a negação do consumo de bebida alcoólica durante a sua vida e finaliza com a frase: “[...] E tô vivendo!” (Aparício, 2022). Para reavivar a entrevista com a abertura dele sobre os assuntos mencionados, fiz um breve comentário, o suficiente para a retomada da expressão fechada e resposta arredia:

Anderson – Tá forte, né, seu Aparício?

Aparício – Eu não ando muito forte, não. Eu não..., até um ano atrás nem em médico eu nunca consultava. Agora, depois que infartou a minha velha, tudo quanto é mês eu tenho que ir lá em Cascavel, nos médicos (Aparício, 2022).

A última tentativa esperançosa de aproximação foi também o desfecho da entrevista quando incentivo Aparício para os cuidados com a saúde, rebatida no mesmo tom introspectivo:

Anderson – Tem que cuidar da saúde, né, seu Aparício.

Aparício – Ah, e tem a piazada lá. Querem que eu vá pra lá [cidade de Cascavel], mas não vou não! Não posso ficar lá! (Aparício, 2022).

Durante o processo de transcrição, as reflexões sobre a pré-entrevista, o momento da mesma e o pós-entrevista torturavam os meus sentimentos sobre essa difícil experiência. Refletindo sobre todo o processo, me dei conta de alguns detalhes que podem ter gerado tamanha desconfiança. Na minha autoapresentação para Aparício expliquei sobre minha formação como estudante em uma universidade localizada no Estado de Mato Grosso do Sul; que havíamos nos encontrado em 2010, quando eu

estudava na cidade de Marechal Cândido Rondon (PR); que naquele momento eu estava morando em Cascavel, no Oeste do estado do Paraná; que sou natural de Guarapuava (PR) e conheço aquela região. Além disso, na ocasião eu estava acompanhado do meu padrasto Francisco – um alagoano que viveu a maior parte da sua vida na capital paulista, mas que preservou os sotaques, a simpatia, comportamentos e estereótipos alegres e acolhedores concedidos aos nordestinos.

Tentando refazer mentalmente todo o processo e encontrar um fio condutor nisso tudo, notei que o veículo que estávamos utilizando em nossas idas e vindas identificava placas da cidade de Santo André (SP). Como diz um ditado popular: “Cuidado para não tropeçar nas pequenas pedras, pois das grandes é fácil desviar!”. Ou seja, somadas ao senso investigativo e observador de um antigo inspetor policial, eram muitas informações honestas e sinceras, porém, aparentemente controversas, para Aparício administrar em apenas alguns minutos de conversa e achar críveis, mesmo com as referências que eu possuía sobre a rede de contatos do mesmo. Robson Laverdi, refletindo sobre a *estrutura de sentimentos* teorizada por Raymond Williams, discorre que a História Oral não é somente a entrevista em si, mas todas as relações que antecedem, se desenvolvem durante a gravação e após desligar o gravador:

A produção do testemunho oral não pode ser compreendida como um plano de percepções encerrado pelo instante da entrevista, momento esse em que dois sujeitos se encontram movidos por um objetivo posto ou tornado como comum. Podemos dizer que a linguagem engendrada nessa relação, em sua forma constitutiva como testemunho oral, é o resultado de uma inter-relação complexa entre os universos conexos do individual e do social, tanto em relação ao entrevistado como ao entrevistador. Afinal de contas, esse encontro também se constitui com uma historicidade, tanto em relação à produção do testemunho quanto de sua interpretação feita a *posteriori*. Nestes termos, embora no ato da entrevista o testemunho seja proferido em sintonia com um conjunto de outras práticas ao mesmo tempo e simultaneamente gestuais e sonoras, este se constitui a partir da individualidade do testemunhante, todavia como parte de todo um processo social [...] (Laverdi, 2013, p. 43).

A pré-entrevista, a entrevista e o pós-entrevista também são acontecimentos, experiências históricas em um novo “fato”, assim como seu planejamento na elaboração do questionário semiestruturado, transcrição, análise e interpretação na produção do conhecimento. O historiador e/ou pesquisador em História Oral é um sujeito histórico que faz escolhas, recortes e está passível às subjetividades do humano, suas e dos que estão em *co-labor-ação* nesse processo.

No retorno com Aparício para a entrega, revisão da transcrição e coleta da assinatura da Carta de Cessão, os monstros da dúvida invadiam meus pensamentos, se ele iria me conceder a autorização ou se esse seria mais um momento desconfortável

para ambos. Relutei até o último momento em ir até ele novamente, e quase não fui. A diferença nesse reencontro foi a presença da professora Helena, minha mãe Rita e meu então padrastrô Francisco, que estavam me acompanhando nas visitas aos entrevistados, me encorajando a não deixar essa lacuna aberta. Para minha surpresa, a recepção de Aparício foi completamente diferente do que eu poderia imaginar. O mesmo estava na residência do filho, acompanhado do mesmo e de sua nora que nos forneceu cuias de mate chimarrão, conversamos alegremente com todos(as), nos serviram sorvetes como sobremesa e o clima foi muito agradável.

Na apresentação da transcrição e da Carta de Cessão, Aparício prontamente procedeu com a assinatura do documento em letras trêmulas e desenhadas com dificuldade, reflexos da idade avançada. Após o registro, Aparício me chamou em um canto da área em que estávamos e me revelou que a entrevista que ele me deu certamente não correspondeu às expectativas por mim criadas do que ele poderia ter falado e as informações que eu almejava com as perguntas que fiz. Porém, diante da visita apressada, pois teríamos que seguir para outros entrevistados para concluir a coleta das autorizações e o retorno para a cidade onde moro por compromissos assumidos, optei por não gravar nova entrevista. Um grande lamento pelo meu descuido e despreparo com a disponibilidade de tempo somado à surpresa com o inesperado *feedback*.

Como análise dessa experiência, as contradições estavam entre as *expectativas criadas* e as *expectativas “frustradas”* com uma entrevista que almejava ser uma das que mais poderia contribuir com a riqueza de detalhes sobre as práticas culturais que caracterizaram o(s) puxirão(s) na região. De todo o trabalho realizado pelo Universidade Sem Fronteiras, entre novembro de 2007 e dezembro de 2010, que totalizou 129 entrevistas, a única referência imagética encontrada do puxirão foi no acervo fotográfico particular de Aparício e Bibiana, aguçando a minha curiosidade em conhecer mais sobre o assunto.

Com a transcrição da nova entrevista engavetada por aproximadamente um ano, por considerar que talvez ela não me acrescentaria na produção da tese, ao retomar ao texto, áudios e vídeos para exercer a análise, decidi também retomar a transcrição, entrevista e relato de fotografias registradas em 2010. Fiquei extasiado ao perceber que as falas de Aparício naquela ocasião também eram breves, ríspidas, fugidias e diretas. Bibiana foi a que mais falou, porém, constantemente advertida pelo seu esposo sobre os cuidados com o que ela informava, principalmente nas questões sobre abertura e ocupação de posses de terras, conflitos agrários, brigas entre patrão e empregado que a mesma situou no tempo em que administravam o estabelecimento comercial, presença de jagunços, grileiros e latifundiários, entre outros assuntos sensíveis.

Notei que no tempo de 12 anos transcorridos entre as duas entrevistas, minhas memórias foram seletivas quanto às contradições daquele momento, alimentadas pelas lembranças do café com bolo de fubá, do mate chimarrão, batata doce e chuchu da roça, sapecada de pinhão, passeio pela propriedade rural e o acervo fotográfico – álbuns

e monóculos compartilhados: “Parece-me necessário, antes de tudo, distinguir entre o vivido e o recordado, entre experiências e memória, entre o que se passou e o que se recorda daquilo que se passou.” (Amado, 1995, p. 131).

A entrevista recente, somente com Aparício, destoou de todas as outras que foram realizadas para o desenvolvimento da tese, tanto na sua breve duração quanto na falha dos recursos disponíveis para que o diálogo pudesse fluir com naturalidade. As memórias de Aparício não foram escamoteadas somente para mim. Sua personalidade forte também estava presente na gravação em 2010. Seus receios com os assuntos das festividades, um tema aparentemente considerado como leve e divertido, estão relacionados ao passado de Aparício e da sua atuação incisiva como inspetor de quarteirão – com presença obrigatória em todas as ações públicas ou dos grupos particulares da comunidade.

Na produção de entrevistas com outros(as) entrevistados(as), os inspetores de quarteirão, de modo geral, são descritos como homens dotados de autoridade para fazer a vigilância, busca, apreensão e detenção de criminosos e/ou de pessoas que viessem a burlar os preceitos morais, as leis e regras de segurança das comunidades, com a possibilidade de exercer o poder com o uso da força, em casos de resistências. Edward Palmer Thompson, na introdução do clássico *Costumes em Comum: estudos sobre a cultura popular tradicional*, ao estudar a sociedade plebeia industrial inglesa do século XVIII, nos brinda com a seguinte reflexão:

Portanto, essa era uma cultura de formas conservadoras, que recorria aos costumes tradicionais e procurava reforçá-los. As formas são também não racionais; não apelam para a ‘razão’ por meio do panfleto, do sermão ou do palanque do orador. Elas impõem uma variedade de sanções pela força, o ridículo, a vergonha, a intimidação (Thompson, 1998, p. 19).

As ocorrências de conflitos nas jurisdições deveriam ser reportadas pelos inspetores para as instituições policiais das cidades próximas. Ou seja, ser autoridade policial nos sertões do Paraná em meados do século XX, regiões afastadas dos grandes centros urbanos, vulneráveis aos crimes e conflitos de terra e a pouca presença do Estado, era uma responsabilidade que demandava rigidez dos que se dedicavam ao ofício.

Aparício é referenciado como um dos integrantes do grupo de trabalhadores rurais que não gostava de organizar os bailes, empreitando afazeres das relações de parceria dos compadres, vizinhos e familiares nas roças pela *troca de dias* de trabalho, sem a contrapartida da retribuição financeira ou festiva:

Outra vez, nós fomos num baile, do compadre Aparício! Esse velhinho que você estava falando das mulas. Mas ele gostava de ir nos bailes dos outros, e não queria que fizesse no dele! Quando era pra fazer pra ele, ele se escapava! E daí ele foi se escapando, uns par de anos, se escapando, se escapando, se escapando. Ele fugia, sabe! Daí, quando foi um dia, pegaram ele! Pegaram ele, e parece que não

era pra fazer aquele baile lá, um puxirão. Não sei se... eu sei que nós tivemos um azar! Aquilo lá foi... Daí, eles entraram dentro, daí eles tinham um paiolão grande assim, sabe, ele pegou, a turma foi lá e arrancaram as paredes do meio, as repartição do meio, assim, arrancaram, tiraram fora tudo, e passaram uma água dentro daquela coisa, lavaram tudo, enxugaram tudo, daí ficou só, um só, daí! E eu fui pra um canto, assim, sabe! Me arrumaram um lugar pra eu ficar num canto lá. E era um lugar que, onde estava, chocou uma galinha! E tinha piolho! Ah não aguentou até meia noite! Terminou o baile! Era só gente se coçando rapaz, *Deus ô Livre*, piolho! Passava a mão, assim, eu via pelas alças da gaita, assim, que as alças era branca, você via assim que estava aquele *bitutudo* na alça da gaita, assim, preto! Pelo pescoço, pelo sovaco, pelas virilhas, aquelas mulheres, elas se coçavam, tudo, sabe! E piolho, piolho, piolho... não! Todo mundo ia embora, tomar banho! Onde que, quem que ia aguentar aquilo, homem do céu! Não deu! Não deu baile! Foi só o começo e... e daí não deu baile. Essa é uma outra história que aconteceu, no compadre Aparício, também, num paiol lá. (Belarmino, 2023).

A narrativa cômica do agricultor e acordeonista Belarmino (pseudônimo), morador da comunidade Alto Pinhalito, reitera a insatisfação de Aparício em realizar os bailes de puxirão na sua residência. A participação nas celebrações da roça nas posses dos parceiros de comunidade era para ele uma condição obrigatória, imposta pela sua função de autoridade policial e não exatamente um desejo de participação voluntária. O puxirão em suas terras, por sua vez, estava arbitrado pela opção de Aparício em não retribuir os trabalhos de roça com a festa, bastando a participação dos parceiros no compromisso de se corresponderem auxiliando uns aos outros em suas demandas. Na ocasião mencionada por Belarmino, os parceiros rompem com a lógica estabelecida por Aparício, realizando uma prática denominada de *surpresa*, com os(as) integrantes da comunidade providenciando a alimentação e a diversão, cabendo à família surpreendida contribuir apenas com o espaço da residência ou improvisando o galpão para o baile.

Em outras entrevistas, os conflitos nos bailes de puxirão são mencionados com frequência nas memórias, nem tanto pela constância dos acontecimentos, mas pela tensão vivida, principalmente pelos(as) famílias dos(as) organizadores(as) e os seguranças. O porte corriqueiro de revólveres, pistolas, espingardas, facas, punhais, recolhidos pelos inspetores no início dos bailes em cestos de taquara, chamados de *balaio de armas*; o consumo de bebidas alcoólicas e as inesperadas reações dos alcoolizados, por vezes agressivos ou ultrapassando os limites morais do respeito nas danças com as esposas e filhas dos(as) parceiros(as); a entrada de pessoas sem convite, os chamados *caranchos* com a intenção de encerrar a festividade com atitudes de valentia, no que foi nominado como *desmanchar o baile*; as restrições das danças consecutivas entre os(as) jovens com os mesmos pares, sob olhares e interferências dos(as) mais velhos(as) para não *infestar moda*; a impossibilidade das mulheres darem *tábua* ou *carão*, recusar os convites dos homens para dançar, independente da condição masculina de embriaguez,

comportamento ou asseio, sob penalidade do “direito” do homem de cortar-lhes os cabelos com um facão, entre outras, foram ações rememoradas nas entrevistas e intermediadas pelos inspetores de quartelão para evitar conflitos ou exercer a força nos momentos de instabilidade física e emocional. Nesse sentido, compreender os silêncios de Aparício consiste em perceber também que:

Atos considerados legítimos e mesmo normais ou necessários no passado podem ser vistos agora como inaceitáveis e literalmente postos fora da tradição. Nestes casos, a informação mais preciosa pode estar no que os informantes escondem e no fato que os *fizeram* esconder mais no que eles *contaram* (Portelli, 1997b, p. 34).

Realizar um baile de puxirão carecia de autorização por escrito, expedida pelos escritórios regionais de polícia, que designavam os inspetores de quartelão para fazerem a segurança. Cabia a eles recrutar outros homens que os auxiliassem nessa vigilância. Caso os bailes fossem realizados sem essas autorizações, os responsáveis pela organização poderiam sofrer as penalidades, a serem executadas pelos inspetores. Havendo brigas, mortes ou pessoas feridas nos conflitos que ocorressem durante as ocasiões festivas sem autorização, o posseiro ou proprietário que recebeu o puxirão era responsabilizado judicialmente. Nos bailes autorizados, com a guarnição policial, e que houvesse situações de violação das regras morais de conduta, as responsabilidades recaíam sobre os inspetores, que deviam conter a violência com advertências verbais ou colocando em risco sua integridade física separando as brigas, prendendo, encarcerando e conduzindo os infratores até as delegacias para relatarem as ocorrências às instituições de segurança do Estado.

Não sabemos como foi a atuação de Aparício durante o exercício da função policial, e também não é o objetivo expor nossos(as) interlocutores(as): “[...] tenho um compromisso *comigo mesmo* de não usar o material da entrevista de formas que possam prejudicar a pessoa de quem o obtive, nem de a ela desagradar” (Portelli, 1997b, p. 14). Porém, as memórias alegres, saudosistas e nostálgicas dos que falaram sobre os bailes e as festas podem não ser agradáveis na mesma intensidade para os que precisavam estar de prontidão diante das tensões do inesperado. Reflexão que justifica significativamente tanto a personalidade desconfiada de Aparício quanto os silêncios sobre esse passado que pode ser doloroso e até mesmo traumático recordar.

Tomando distância e refazendo os passos daquele momento, percebo algumas atitudes que poderiam ser melhor preparadas para um possível sucesso do trabalho: a realização de uma pré-entrevista, explicando o projeto para o filho e a nora de Aparício e a retomada em outro momento junto com a professora Helena; a realização posterior da entrevista com Aparício na residência do filho, com a presença do mesmo e da sua nora; a reprodução da entrevista que foi gravada com ele e sua finada esposa para que, ao assistir, ele se recordasse do nosso primeiro contato; fazer a devolutiva dos materiais com artigos publicados onde constam as falas de Aparício e de sua esposa;

deixar fluir com naturalidade os momentos de silêncio; dispor-me a ouvir mais sobre os assuntos que ele queria reiterar – as tropas e as domas – do que os que eu ansiava por conhecer – os bailes e as festas de puxirão; compreender as correlações, julgamentos de valores, reflexões que os entrevistados fazem entre o passado e o presente na cadência das falas, ao invés de almejar somente as especificidades dos acontecimentos de outrora; reservar maior disponibilidade de tempo para pré-entrevista, entrevista, pós-entrevista e o momento de retorno com a transcrição para a assinatura da Carta de Cessão; estar sempre munido de equipamentos de gravação caso o(a) entrevistado(a) deseje retomar os assuntos em novas entrevistas.

Concluo, com as leituras do referencial teórico proposto, as discussões durante as aulas e as contribuições do professor e dos colegas da turma, que a História Oral é um processo constante de aprendizado e que as experiências no caminho nos ensinam no movimento de produção do conhecimento.

O processo de transformação, o trabalho da consciência, manifesta-se na entrevista pelo fatigante trabalho da palavra. As interrupções, digressões, repetições, correções que caracterizam a narração são procedimentos constitutivos da oralidade, graças aos quais o discurso oral se apresenta mais como um processo do que como um texto acabado. Estes *procedimentos* da oralidade põem em evidência o *trabalho* da palavra, da memória, da consciência (Portelli, 1996, p. 68-69).

As contradições são condições inerentes aos(as) pesquisadores(as) da História Oral, que demandam por flexibilidade, calma e consciência sobre as desconstruções dos métodos, técnicas e comportamentos perante as inconstâncias na magnífica arte do ouvir. Que o nosso querer esteja aberto e sujeito ao que as pessoas manifestam desejo de compartilhar ou de silenciar, mesmo que na contramão do que supomos que vamos conhecer: “Assim, estar aberto ao inesperado é a regra básica para qualquer pessoa que faça trabalho de campo – de certa forma, para qualquer pessoa que pesquise, porque é isso o que permite que você *não* encontre aquilo que esperava ou o que já sabia que encontraria” (Portelli, 2022, p. 319).

Referências

AMADO, Janaína. O grande mentiroso: tradição, veracidade e imaginação em História Oral. *História*, São Paulo, n. 14, p. 125-136, 1995.

HERMETO, Miriam; SANTHIAGO, Ricardo (Org.). *Entrevistas Imprevistas: surpresa e criatividade em história oral*. São Paulo: Letra e Voz, 2022.

LAVERDI, Robson. Raymond Williams e história oral: aproximações sócio constitutivas. *In*: LAVERDI, Robson; MASTRÁNGELO, Mariana (Org.). *Desde las profundidades de la historia*

oral. Buenos Aires: Imago Mundi, 2013. p. 35-55.

NETO, Lira. *A arte da biografia: como escrever histórias de vida*. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

PORTELLI, Alessandro. A filosofia e os fatos: narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais. *Tempo*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 59-72, 1996.

PORTELLI, Alessandro. Forma e significação na história oral: a pesquisa como um experimento em igualdade. *Projeto História*, São Paulo, n. 14, p. 7-24, 1997a.

PORTELLI, Alessandro. Tentando aprender um pouquinho: algumas reflexões sobre a ética na história oral. *Projeto História*. São Paulo, n. 15, p. 13-49, 1997b.

PORTELLI, Alessandro. O que faz a história oral diferente. *Projeto História*, São Paulo, v. 14, p. 25-39, 1997.

PORTELLI, Alessandro. Posfácio: à espera do inesperado. In: HERMETO, Miriam; SANTHIAGO, Ricardo (Org.). *Entrevistas Imprevistas: surpresa e criatividade em história oral*. São Paulo: Letra e Voz, 2022. p. 319-330.

THOMPSON, E. P. *Costumes em comum: estudos sobre a cultura popular tradicional*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

Fontes orais

APARÍCIO [80 anos]; BIBIANA [70 anos]. [jun. 2010]. Entrevistadores: Anderson Arilson de Freitas, Fernanda Fogaça, Marcelo Zeni, Nilceu Jacob Deitos e Paulo José Koling. Diamante do Sul, PR, 8 jun. 2010.

APARÍCIO [92 anos]. [abr. 2022]. Entrevistador: Anderson Arilson de Freitas. Diamante do Sul, PR, 30 abr. 2022.

BELARMINO [68 anos]. [jan. 2023]. Entrevistador: Anderson Arilson de Freitas. Diamante do Sul, PR, 10 jan. 2023.

Recebido em 07/10/2024

Versão final rerepresentada em 09/02/2025

Aprovado em 16/12/2025

Fonte de financiamento: Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) – Bolsa.

Conflito de interesses: nada a declarar.